

6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das tomadas de decisão financeira de um casal nos oferece informações importantes sobre as relações de poder, desigualdade e manifestações de individualidade de cada um de seus membros – especialmente, para um casal recém-casado, em que as regras de convivência estão começando a ser delineadas. Tais regras, ao longo do tempo, podem ser transformadas, renegociadas e, até mesmo, substituídas; mas o processo de comunicação e as negociações das decisões do cotidiano estarão sempre presentes na vida conjugal.

Quando estudamos o dinheiro no casamento, estamos lidando com um de seus aspectos mais simbólicos. Conforme discutido ao longo deste trabalho, o dinheiro possui muitos significados, que variam de uma simples conta a ser paga no cotidiano – e que proporciona a manutenção da vida, da moradia e de outros confortos importantes – até grandes demonstrações de afeto ou poder. Seu uso expressa sentimentos e valores aprendidos nas famílias de origem e levados para a vida a dois, muitas vezes, de forma imperceptível racionalmente. Desvendar a forma como cada casal pensa e age diante do dinheiro é conhecer um pouco melhor a dinâmica das relações de poder envolvidas naquela estrutura. Persuadir, barganhar, se posicionar naquilo que é fundamental para si, ceder no que é importante para o outro são comportamentos presentes em todo relacionamento humano, mas, no casamento, vividos mais intensamente.

A maneira como as mulheres, entrevistadas para este trabalho, lidam com seu dinheiro, ganho através de um trabalho remunerado, em muito difere de comportamentos femininos antigos. Ao constatarmos que a maioria delas se diz organizada e, muitas vezes, quem detém todo o controle financeiro do casal, percebemos que a postura da mulher no casamento e na sociedade vem, de fato, assumindo novos contornos. Esse poder de decisão sobre o uso do dinheiro lhe proporciona a oportunidade de experimentar uma individualidade fundamental no casamento, hoje, uma vez que os próprios homens valorizam mais mulheres que trabalham fora de casa. Isso foi dito tanto por elas, quanto encontrado também em pesquisas, como a realizada por Rocha-Coutinho (2001), em que a maioria dos homens ressaltou a entrada da mulher no mercado de trabalho, como promotora de maior

igualdade de direitos e, com isso, as relações se tornam mais interessantes e cheias de trocas de situações vividas no trabalho – coisa que, antes, não acontecia. Até mesmo, no único caso encontrado na nossa pesquisa de uma mulher – Beatriz – que almejava um modelo de casamento mais tradicional, a organização financeira da casa ficava em suas mãos. Por outro lado, Gabriela queixava-se muito da forma como o marido determinava tudo dentro de casa, por deter o controle financeiro. Sua individualidade e preferências ficavam em segundo plano, caso ele não concordasse. Embora dependendo do marido, financeiramente, por não poder contribuir, efetivamente, com mais dinheiro para a casa, sua tolerância em precisar dele era baixíssima. Gabriela se sentia pouco valorizada, na medida em que não conseguia ter acesso a coisas importantes para ela. É notório que todas as entrevistadas concordavam com o fato de que o trabalho da mulher é sua fonte de realização e autonomia.

Baseando-se nestas constatações, estudos como este se mostram extremamente relevantes, por promoverem maiores esclarecimentos sobre as inúmeras diferenças – e semelhanças – que existem entre o uso e o significado do dinheiro para homens e mulheres na atualidade e, com isso, contribuirão para um diálogo cada vez mais claro.

Por conta do tempo e do objetivo a que se destinou este trabalho, foi determinada uma amostra relativamente pequena, de apenas 12 mulheres, que pudesse atender à investigação proposta. Novas pesquisas poderiam abranger uma população maior de sujeitos. Igualmente interessante seria investigar tais crenças entre os homens que formam casais com essas mulheres e, desta forma, ter a possibilidade de confrontar opiniões. Com os dois discursos, poderíamos ter mais material, para analisar as relações de poder – imperceptíveis, muitas vezes, para o próprio casal. Além disso, poderia ser interessante estudar o comportamento financeiro de casais em outras regiões do país e comparar os resultados. Desta forma, seria possível observar a variação da construção cultural de valores em diferentes contextos.

Enfim, o estudo do dinheiro no casamento é vastíssimo para a investigação científica e é, a partir de pesquisas como esta, que avançamos no conhecimento das relações humanas. Afinal, pensar o que foi o projeto feminista, a inserção da mulher no mercado de trabalho na década de 60 e encontrar, na atualidade, mulheres que trabalham remuneradamente, almejam a construção de uma carreira profissional sólida, são organizadas com o dinheiro, quando não controlam até o dinheiro do marido, é estar diante de uma mudança efetiva do comportamento feminino.

Somado a tudo isso, propor o estudo do dinheiro no casamento como dissertação de mestrado foi trabalhar um objetivo bastante ousado: ao mesmo tempo em que não encontramos muita literatura nacional – conforme mencionado no início –, também estávamos pisando em um terreno, muitas vezes, considerado tabu, o que nos deixava na dúvida, quanto à aceitação das entrevistas. Podemos dizer, ainda, que existiu um terceiro vértice que não poderia deixar de ser destacado: estávamos investigando um assunto do qual compartilhamos diretamente. Todos nós possuímos nossas crenças e vivências em relação ao dinheiro, tanto quanto comportamentos e sentimentos decorrentes delas. Velho (1981) observa que é inevitável o envolvimento com o objeto de estudo, quando se pesquisa o ser humano, mas ressalta que tal envolvimento não compromete o trabalho. A idéia é tentar-se pôr no lugar do outro e captar suas vivências e experiências particulares, através de um mergulho profundo em seu contexto. Certamente, um grande desafio!